

# ORALISMO, COMUNICAÇÃO TOTAL E BILINGÜÍSMO: PROPOSTAS EDUCACIONAIS E O PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM DA LEITURA E DA ESCRITA DE SURDOS

KEZIO, Gérison Fernandes Lopes<sup>1</sup>

**Resumo:** O referido trabalho apresenta uma reflexão partir das vertentes Oralista, Comunicação Total e Bilíngue para Surdos e o processo de ensino e aprendizagem da leitura e da escrita. A problemática consiste na dificuldade da elaboração de um discurso escrito, pelo surdo, pois, a forma como os surdos escrevem não está bem articulada de acordo com a estrutura gramatical da Língua oral. É de suma importância entender as especificidades do processo de aprendizagem da escrita da Língua Oral de nosso país, especialmente as dificuldades que marcam o processo de ensino da pessoa surda, visto que, este é um sujeito bilíngue, entendendo que este tem a língua de sinais como sua primeira língua, para assim pensar soluções e propor alternativas que melhorem a prática pedagógica, favorecendo um aprendizado efetivo para que o surdo possa aprender os demais conteúdos acadêmicos que chegam para eles através da escrita da língua oral, sua segunda língua, proporcionando desse modo um desempenho de leitura e escrita compatível a sua escolaridade. Como referência foram utilizados os estudos de autores como Quadros (1997 e 1998), Fernandes (1999), Goldfeld (2002), Salles (2004), Capovilla (2001), Ciccone (1990), Pereira (1999 e 2000), Ferreiro e Teberosky (1993).

**Palavra-chave:** Vertentes Educacionais, LIBRAS, Língua Portuguesa para Surdos.

## Leitura, Escrita e Educação de Surdos

A visão sócio-interacionista considera que a aprendizagem está associada ao lugar social que o sujeito ocupa, sendo que as regras sociais e o papel específico do sujeito dentro da sociedade determinam a aprendizagem e conseqüentemente o seu desenvolvimento. Nessa visão, o homem constitui-se como tal através de suas interações sociais, portanto, é visto como transformador, podendo ser transformado nas relações produzidas em uma cultura. Ao interagir com esses conhecimentos o ser humano se transforma, aprende a ler e a escrever, obtendo domínio das formas complexas e construindo significados. Ferreiro, (1993, p.24), diz:

O desenvolvimento da alfabetização ocorre sem dúvida, em um ambiente social. Mas as práticas sociais, assim como as informações sociais, não são recebidas passivamente pelas crianças. Quando tentam compreender, elas necessariamente transformam o conteúdo recebido. Além do mais, a fim de registrarem a informação, elas a transformam.

A aprendizagem não limita apenas ao aprendizado escolar, o surdo desde o nascimento está em constante processo de aprendizado e desenvolvimento. Na prática deve ser discutido e proporcionado ao desenvolvimento da escrita e leitura uma interação social por meio do acesso educacional.

Essa prática é diferenciada de muitas existentes que são norteadas por um enfoque

---

<sup>1</sup> Gerison Kezio Fernandes Lopes, - Licenciado em Pedagogia (UVA), Especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional (UECE), Bacharel em Letras Libras (UFSC/UFC). Atua como Professor de LIBRAS da Universidade Federal do Maranhão (UFMA) – Campus Bacabal. ~ aproximando-se, afastando-se ou mantendo-se no espaço o movimento da mão

tradicional onde acreditam que a aprendizagem da língua oral pelo surdo possa ser através de cópias repetitivas de textos, palavras e letras. A proposta sócio-interacionista diferencia da abordagem tradicional que por sua vez é considerado como causador de muitos fracassos escolares de alunos surdos. Fernandes, (1999, p.77), afirma:

Através das metodologias do ensino de Língua Portuguesa adotadas tradicionalmente, negou-se aos surdos o acesso a práticas linguísticas significativas que o auxiliassem a perceber o sentido na aprendizagem de uma segunda língua. Como consequência, as respostas para o fracasso apresentado não foram buscadas nas estratégias inadequadas destinadas ao aprendiz da língua, mas foram justificadas como inerentes à condição da “deficiência auditiva” e não como possibilidade diferenciada de construção gerada por uma forma de organização linguístico cognitiva diversa.

A facilitação da forma trabalhada para o aluno aprender com eficiência a leitura e a escrita é um dos principais recursos que a escola e o professor precisam dispor para combater essa massificação resultante de metodologias inadequadas. A leitura e a escrita tem que está relacionada de forma íntima com o sucesso acadêmico do aprendente, possibilitando a ele a aquisição de diferentes pontos de vista, como o aumento e a troca de experiências através daqueles que já possuem um saber mais elevado, facilitando então, o surgimento de reflexões e posições colocando as novas ideias como instrumento de participação, renovações culturais e geradoras de novas práticas de vida. Rossi, (2000, p.103), afirma:

É por meio da comunicação com o outro que a criança constrói sua realidade social e descobre a si próprio. A interação com o meio auxilia a perceber a si mesma, oferecendo-lhe elementos de identificação e diferenciação em relação aos outros.

O aprendizado da leitura e da escrita através de métodos repetitivos ainda estão presentes na escola. Contrária a essa evidência, Silva, (1996, p.96), afirma:

A leitura não pode ser confundida com decodificação de sinais, com reprodução mecânica de informações ou com respostas convergentes a estímulos escritos pré elaborados. Esta confusão nada mais faz do que decretar a morte do leitor, transformando-o num consumidor passivo de mensagens não significativas e irrelevantes.

Considerado como um processo cognitivo a construção do desenvolvimento da leitura e da escrita pode ser efetivada através de estímulos, influências do meio e de modelos sociais a fim de explorar melhor o aprendizado dessas duas modalidades da língua oral. O aprendizado ocorre a partir dos desafios e situações problemas propostos, podendo o aprendente ser agente estimulador e investigador. Ressalta Goldfeld, (2002, p.74):

A aprendizagem que se inicia pelas relações interpessoais, necessita, na maioria das vezes, da linguagem. O atraso na linguagem, obviamente, causa atraso na aprendizagem e conseqüentemente no desenvolvimento, já que é a aprendizagem que o impulsiona.

Muitos surdos que enfrentam problema na escrita e leitura da língua oral provêm desta prática pedagógica onde a repetitividade é considerada aspecto essencial no aprendizado de pessoas surdas, sendo essa prática educacional causadoras de muitos fracassos educacionais. Mas, a realidade do fracasso escolar é o resultado de equívocos que reforçam o condicionamento do surdo a superar a deficiência e ser igual ao ouvinte baseando-se sempre no ser deficiente e incapaz de viver no mundo se não igualar-se ao ouvinte e falante.

O problema se agrava, pois a escola não percebe que isso esteja acontecendo, vem

ignorando o caminho que o aprendiz percorre até chegar ao ato de escrever. A escola vem enfatizando o processo da escrita, desassociado do processo de compreensão da palavra impressa, ou seja, da leitura. A consequência é que alunos são limitados a reproduções de significados. Dias, (2001, p.42), afirma:

Sair desse enfoque mecânico, de simples decodificação, penso que seja importante, necessário e urgente. E isso implica em uma mudança de postura docente, que se inicia com a ampliação do conceito de leitura e a crença de que os indivíduos podem aprender a ler sem decifrar e sem oralizar, pura e simplesmente, um texto, pois a leitura não depende nem da decifração nem da oralização lineares. Ler é atribuir diretamente (ou seja, sem intermediários) um sentido a algo escrito, um texto, questionando esse escrito a partir de uma necessidade e/ou expectativa reais de situações da vida (que são diferentes das simulações escolares).

A escrita é um instrumento de liberdade, um instrumento que através dele você expõe sonhos, pensamentos, fantasias e realidades, um instrumento que domina, invade a alma de quem ler. A escrita dá acesso ao homem os seus direitos, deveres, justiça, injustiça, a escrita relata uma sociedade letrada que se propõe ser democrática.

Reagindo de forma positiva, consciente e plena a escola diante desses instrumentos de transformações e de comunicação, deve preparar profissionais para operar e ensinar seus alunos para que eles possam se munir de conhecimento, sabedoria e serem meros conhecedores do mundo que a eles estão inseridos.

Na visão sócio-interacionista o surdo desenvolve sua aprendizagem norteadada pela construção, onde o agente principal seria ele com auxílio do meio escolar, professores e outros. As dificuldades encontradas pelo surdo podem ser enfrentadas por ele mesmo através de seus conhecimentos ultrapassando as barreiras da escritura e leitura. Freire, (1999, p. 30) ressalta:

(...) as dificuldades com o componente sistêmico podem ser enfrentados mais naturalmente quando os aprendizes são apresentados a textos escritos que tratam de conhecimento do mundo com o qual eles já estão familiarizados. A verdade é que o aprender se torna uma tarefa quase intransponível quando o aprendiz tem que enfrentar problemas de vocabulário, morfologia e sintaxe em um texto sobre um assunto que ele desconheça.

Uma das formas de enfrentar essas dificuldades é nortear a prática de ensino aprendizagem de uma segunda língua voltada para as habilidades de leitura, escrita fazendo uso da primeira língua como forma mediadora e como meio de instrução. O ensino da escrita é realizado como estratégia para alcançar objetivos específicos, estabelecidos, levantando e mostrando-a como função essencial e social da aprendizagem, esse estabelece procedimentos metodológicos possibilitando ao aluno ativar suas habilidades comunicativas naturalmente interagindo-os com o meio social sendo que os conteúdos determinados em sala de aula possam fazer que o surdo progrida na escrita, na leitura e produção de textos.

A leitura e a escrita é de importância para o sucesso escolar, professores e escolas podem usar essas duas modalidades como um meio de trazer o aluno a conhecer a realidade da vida, construindo meio/modo de enfrentar a vida. A leitura é importante para compreender os registros deixados pelo homem ao longo do tempo, conhecer a realidade e descobrir o que lhe aguarda no futuro.

Para conhecer, compreender as realidades e realizações do homem registradas ou das que ainda serão registradas através da escrita o homem tem que executar um ato, o de aprender a ler o mundo, ou podemos até dizer que ele precisa ler para poder aprender a viver. Silva, (1996, p.42,43), diz:

Leitura é uma atividade essencial a qualquer área do conhecimento e mais essencial ainda à própria vida do Ser Humano... Leitura é um dos principais instrumentos que permite ao Ser Humano situar-se com os outros, de discussão e de crítica para se poder chegar à práxis.

O propósito básico de qualquer leitura realizada é a assimilação dos significados, ou seja, compreender a mensagem, compreender-se na mensagem e compreender-se pela mensagem. O ato de ler revela uma necessidade concreta para adquirir significados, consequentemente experiências na sociedade onde a escrita se faz presente.

Esse ato inicia no momento em que o sujeito, através de sua percepção se concretiza de documentos escritos existentes no mundo, possibilitando a ele significados. A leitura se manifesta como experiência resultante de um trajeto seguido pela consciência do sujeito e essa experiência permite o homem ser um leitor incrementando seus próprios significados no que está sendo lido.

Silva, (1996, p.45), diz: *“Ler é, em última instância, não só uma ponte para a tomada de consciência, mas também um modo de existir no qual o indivíduo compreende e interpreta a expressão registrada pela escrita e passa a compreender-se no mundo”*. Baseando-se na corrente de pensamento sócio-interacionista, Goldfeld, (2002, p.50), comenta sobre os benefícios dessa prática pedagógica:

Se utilizássemos esta corrente como embasamento para a pesquisa sobre a aquisição da linguagem de crianças surdas, acreditaríamos que ela poderá adquirir o domínio da língua portuguesa de acordo com as regras gramaticais desta(...)

Por ser surdo, o aluno não adquire a língua oral espontaneamente como os ouvintes, no caso do Brasil o Português falado. Como a maioria das metodologias de ensino/aprendizagem da escrita fazem apelo para o aspecto fônico, para ensinar as letras do alfabeto e posteriormente as palavras, geralmente são apresentadas descontextualizadas e sem ênfase no significado, e o desempenho do surdo é quase nulo.

Seria natural, dessa forma, trabalhar a aquisição da escrita sem recorrer ao oral, ensinando a língua oral de forma instrumental como segunda língua. Recorrendo a estratégias visuais e especificamente a língua de sinais, o surdo apresentará um desempenho satisfatório, pois os sinais fornecerão o aparato linguístico cognitivo necessário.

Identificar e saber desenhar letras não habilita alguém a combiná-la de forma a construir palavras, sentenças e enunciados escritos gramaticalmente corretos e sabendo excluir o que é agramatical. Cabe então o professor utilizar métodos, estratégias, para ensinar a estrutura das sentenças da língua oral mediante o uso metalinguístico da língua de sinais.

Após a aquisição da Língua de Sinais e de atividades de leitura coletiva de textos apropriados a série de ensino, se a metodologia do ensino/aprendizagem do língua oral escrito for apropriada ao ensino de segunda língua escrita, os surdos aprenderão a ler e a escrever muito bem, talvez melhor que o ouvinte, pelo menos no que se diz a respeito à ortografia, por não ouvir a pronúncia das palavras, levará a esse aluno a escrita da ortografia de forma correta, pois não será seduzido pela pronúncia oral que muitas vezes é diferente da escrita.

Para que ocorra uma aprendizagem efetiva deve ser apresentado ao surdo, conteúdos que envolvam a construção de significados para desenvolver a habilidade de leitura e escrita, tendo como objetivo final levá-lo a continuar a aprender mesmo fora de sala de aula através de suas vivências cotidianas capacitando-o a produzir um texto escrito. Cárnio, Couto, Lichtig, (2000, p.50), afirmam:

A relação entre linguagem e leitura / escrita se dá à medida que quanto maior a base linguística do indivíduo, maior será sua facilidade para desenvolver a língua

escrita. Quando a criança possui uma boa informação linguística, ela tem a seu favor uma variedade de recursos mnemônicos para codificar ou simbolizar os estímulos (ouvidos ou lidos) e processá-los eficazmente. Outro aspecto que contribui para o desenvolvimento da escrita é a maturação interna (biológica) da criança. Contudo, as experiências variadas e as relações sócias e educacionais interferem diretamente nesse desenvolvimento.

Como incentivar o aluno ler e escrever? Que metodologias podem ser utilizadas? É importante a escola proporcionar ao aluno o contato com diversos textos para que assimilem de cada um à sua estrutura, formato, ideia, vocabulário. Dessa forma, professores darão ao aluno a oportunidade, formas e funções de textos.

Abordando e analisando diferenças, semelhanças e estrutura textual de cada texto o professor, em sala de aula, estimula a leitura e a escrita, trabalhando a interpretação e a produção textual de diversos textos, existentes e utilizados na sociedade, pelos alunos. De acordo com os saberes prévios revelados pelos alunos os textos deverão ser apresentados, trabalhados e criados em sala de aula. Dias, (2001, p.25), afirma:

São exemplos de portadores de texto que podem ser lidos e produzidos em sala de aula, por alunos e professor(a): jornais, revistas, livros, outdoors, receitas culinárias, sinais de trânsito, placas indicativas, símbolos presentes em portas de banheiro coletivo, carnês de pagamento, cheques, bulas de remédio, embalagens, rótulos etc...

Conhecer as mais variadas funções de textos ajuda o aluno no dia a dia, facilita sua vivência em diversas situações, proporcionando conhecimento do mundo em que está inserido, sabendo reconhecer e solucionar aspectos que enfrentará no cotidiano.

A escola fazendo com que os momentos em sala de aula proporcionem situações reais, lendo de verdade textos reais, tornará a vida na escola mais útil à vida do aluno fora da escola. A compreensão das relações simbólicas da leitura e da escrita é equivalente ao percurso da humanidade, do início da existência, ou seja, da própria história do homem.

A escola deve ser capaz de desenvolver nos alunos capacidades intelectuais que lhes permitam assimilar os conhecimentos acumulados, não se restringindo só a transmissão de conteúdo, mas, ensinando o aluno a pensar. O ensino deve proporcionar um conhecimento elaborado, de modo que o aluno possa praticá-lo com total autonomia não só na sua permanência escolar, mas também ao longo de sua vida.

A qualidade do trabalho do professor está associada à capacidade de promoção de avanços no desenvolvimento do aluno, ou seja, o bom ensino é aquele que se adianta ao desenvolvimento. Se a escola desempenhar bem seu papel, partindo daquilo que a criança já sabe, se ela for capaz de ampliar e desafiar a construção de novos conhecimentos, ela estimulará processos internos que efetivarão a possibilidade de construir a base que possibilitarão novas aprendizagem.

## **Oralismo e o processo de Ensino da Leitura e da Escrita**

Ao decidirem abolir a Língua de Sinais na Educação de Surdos se deu a concepção que os sinais não tinham valores linguísticos na qual não passavam de mímicas, e que essa necessitava ser evitada estabelecendo então, que todas as disciplinas escolares fossem repassadas através da Língua Oral.

Para o Oralismo, surdez é uma deficiência que necessita ser minimizada, visando que o surdo viva e seja igual ao ouvinte. A fim de atingir sua meta os oralistas trabalham com um conjunto de especialistas médicos e terapêuticos, tais como, neurologistas, fonoaudiólogos, psicólogos e otorrinolaringologistas, aproveitando resíduos auditivos caso existam, (por meio

do aparelho).

O Método Oralista tornou-se dominante e, conseqüentemente, a educação Oral apoderou-se, expulsando do meio educacional os professores surdos e banindo a Língua de Sinais que fora considerada uma ameaça para Oralização. Sobre a Filosofia Oralista: Sales; et all, 2004. (p. 55-56) afirma:

A metodologia é pautada no ensino de palavras e tais atitudes respaldam-se na alegação de que o surdo tem dificuldade de abstração. Aprender a falar tem um peso maior do que aprender a ler e a escrever. Assim, o surdo é considerado como deficiente auditivo que deve ser curado, corrigido e recuperado.

Repercutindo a valorização do método Oral, as línguas de sinais eram consideradas como método tradicional e essa visão acomodou o surdo, o desmotivou a falar, passando a viver numa subcultura. Conforme Capovilla, (2001, p. 1481), “os surdos passaram a serem vistos, unicamente, como deficientes, e não como um povo com cultura própria.” Com a ênfase dessa filosofia os surdos eram rotulados como: “surdos-mudos”. Entretanto, a Educação de Surdos com o método Oral não obteve bons resultados.

Pesquisas revelam resultados esmagadores no requisito vida acadêmica desses alunos, foi observado um rebaixamento significativo no desempenho cognitivo dos surdos. Sobre pesquisas do aprendizado de surdos pelo método oral Salles; et all, 2004 (p.56) afirma que:

Um estudo realizado pelo colégio Gallaudet em 1972 revelou que o nível médio de leitura dos graduados de dezoito anos em escolas secundárias nos Estados Unidos era equivalente à quarta série; outro estudo, efetuado pelo psicólogo britânico R. Conrado indica uma situação similar na Inglaterra, com estudantes surdos por ocasião da graduação, lendo no nível de crianças de nove anos.

Na oralização de alunos surdos Capovilla, (2001, p. 1482) revela pesquisas sobre o aprendizado desses alunos pelo método oral:

Na Inglaterra, foi observado que, após a educação especial oralista a, apenas 25 por cento dos surdos, que graduaram-se aos 15-16 anos de idade conseguem articular a fala de um modo que seja inteligível, pelo menos por seus próprios professores. Em termos de leitura e escrita, a mesma pesquisa mostrou que, dos graduados 30 por cento eram analfabetos e menos de 10 por cento tinha um nível de leitura apropriado a sua idade. O nível de leitura médio era equivalente a crianças de nove anos. Os dados mostram ainda, que suas habilidades de leitura labial eram igualmente insatisfatórias.

O processo educacional de surdos norteados pela filosofia oralista não era suficiente para o bom aprendizado da leitura e da escrita de alunos surdos. Goldfeld, (2002, p.38) afirma sobre a educação de surdos norteadas pelo método oral.

A história da educação de surdos nos mostra que a língua oral não dá conta de todas as necessidades da comunidade surda. No momento em que a língua de sinais passou a ser mais difundida, os surdos tiveram maiores condições do desenvolvimento intelectual, profissional e social. Ao colocar o aprendizado da língua oral como o objetivo principal na educação dos surdos muitos outros aspectos importantes para o desenvolvimento infantil são deixados de lado.

O Método Oral enfatizou a escrita de forma mecânica, onde o aluno era condicionado à repetição sucessiva de textos, o ensino de surdos através desse método não deu conta da demanda de necessidades por eles apresentadas, formando alunos com baixa compreensão na leitura e na escrita devido ao vocabulário reduzido e a maioria desses alunos teve um processo

de fala ilegível.

Uma criança só pode construir uma língua se participar inteiramente de uma sociedade, compartilhando seus conceitos, não apenas da aprendizagem imposta da língua oral, que é proposta pelo Oralismo. Essa aprendizagem não pode ser comparada a aquisição espontânea, pois não garante a formação de um sistema que alcance níveis abstratos, já que a aprendizagem da língua oral pela criança surda ocorre de forma sistemática.

Salles, et all. (2004, p. 57) relata sobre o fracasso escolar do surdo oralizado quando afirma que:

No Brasil, é constatado que grande maioria dos surdos submetidos ao processo de oralização não falam bem, não faz leitura labial, nem tampouco participa com naturalidade da integração verbal, pois há uma discrepância entre os objetivos do método oral e os ganhos reais da maioria dos surdos apenas uma pequena parcela da totalidade de surdos apresenta habilidade de expressão e recepção verbal razoável.

Raríssimo são os surdos, que apenas, oralizados conseguem ter bom desempenho em Língua Portuguesa, a não ser aqueles que adquiriram a surdez quando já haviam iniciado o processo de aquisição do Português ou que apresentam surdez leve. Mas mesmo esses apresentam dificuldade na produção de um texto escrito. Lacerda, Nakamura e Lima, (2000, p.09) revelam:

Estudos em outros países e também no Brasil, de 20 anos para cá, evidenciaram graves problemas envolvendo a aquisição e o desenvolvimento da linguagem pelo sujeito surdo no oralismo, descritos, geralmente, como pobreza de vocabulário ou evidenciados pelas dificuldades encontradas na aquisição da língua escrita.

O surdo sofre atraso na linguagem e sem contato com uma língua natural, não tem condições de adquirir pelo ensino formal, conceitos científicos, já que é a aquisição de conceitos científicos que impulsiona a aquisição de conceitos mais abstratos. O Oralismo parece ignorar essas dificuldades que o atraso da linguagem proporciona e continua a posicionar a necessidade do surdo em ser oralizado.

Lacerda e Mantelatto, (2000, p.26) afirmam que “o trabalho com o surdo, baseado numa abordagem oralista, está voltado para a aquisição de linguagem oral, visando à aquisição de um vocabulário básico”.

O Oralismo é insuficiente, pois parte de uma noção de língua e linguagem, que provoca nos surdos um atraso de linguagem e suas consequências, essa filosofia não considera os aspectos cognitivos determinados pela linguagem e pela cultura prendendo-se ao canal auditivo para a transmissão de conteúdos. Os surdos que não obtêm o sucesso determinado são considerados fracassados, incapazes e perdedores.

Surdos oralizados ou não sentem a necessidade de conviver com outros surdos. Essa necessidade de se integrar é uma razão de extrema importância para que a LIBRAS lhes seja oferecida desde cedo. Goldfeld, (2002, p.100) diz: “é comum encontrarmos surdos em instituições para surdos que passaram com sucesso pelo oralismo e na idade adulta sentiram necessidade de aprender LIBRAS e integrar-se na comunidade surda”.

Esses achados, como reinvidicação da própria comunidade surda vem gerando uma mudança nas atitudes dos educadores perante a Língua de Sinais e a condição particular de cada surdo perante a linguística.

## **Comunicação Total e o processo de Ensino da Leitura e da Escrita**

Nos anos Setenta e Oitenta, a Comunicação Total foi utilizada por muitos países. Utilizando de vários artifícios, essa Filosofia Educacional, tem como objetivo integrar o surdo na

sociedade ouvinte, acreditando que ele terá uma boa comunicação seja através da fala, sinais ou escrita. E quando comparada ao Oralismo, por meio de estudos e avaliações chegaram à conclusão de que os surdos obtiveram melhor desempenho na compreensão e comunicação, apesar das dificuldades em expressar os sentimentos e ideias.

Acredita-se que para o surdo obter uma leitura e uma escrita satisfatória, necessitará de diversos artifícios para chegar a uma boa comunicação na língua de seu país. Preocupada com a comunicação de surdos com surdos, surdos com ouvintes e com a aprendizagem da língua oral, que é considerada por esta Filosofia, de grande relevância para o desenvolvimento dos aspectos sociais, cognitivos e emocionais, defende também, a utilização de recursos espaço viso-manuais.

Essa visão postula a valorização de abordagens, alternativas, que permitam ao surdo trocar ideias, sentimentos e informações com ouvintes. A Comunicação Total possui objetivos básicos, o de facilitar a integração do surdo com o meio, e fornecer condições adequadas para o seu bom desenvolvimento psicolinguístico. Ciccone, (1990, p. 07 e 53) afirma:

E, dessa maneira, seja pela linguagem oral, seja pela de sinais, seja pela datilologia, seja pela combinação desses modos que, por ventura, possam permitir uma comunicação total, seus programas de ação estarão interessados em “aproximar” pessoas e permitir contatos... facilitar ao surdo sua integração efetiva na comunidade em que ele vive, e na sociedade em que deve participar, com direitos e deveres; respeitada sua diferença, oferecendo-lhe as condições adequadas ao seu bom desenvolvimento psicolinguístico, facilitando-lhe, assim, o acesso ao saber daquela sociedade, através de um programa escolar eficiente.

Na Comunicação Total se utiliza muito o uso do alfabeto manual<sup>2</sup> para se chegar a uma comunicação com os ouvintes, também conhecido como datilologia o alfabeto manual. A sua difusão gera, entre muitos ouvintes, a pressuposição de que o alfabeto é a própria Língua de Sinais, mas esse é apenas um suplemento dessa língua, que sua função é a soletração de nomes, siglas, aqui no Brasil possui 27 (vinte e sete) configurações, incluindo as letras k, w, y, e também o ç. Kazlowski, (2000, p.89) afirma:

Alfabeto Datilológico (ou alfabeto manual): é um sistema gestual em que cada letra do alfabeto escrito corresponde a uma configuração particular da mão e dos dedos. Esse sistema utiliza, na realidade, uma escrita no espaço. Quando queremos “escrever” uma palavra, a mão realiza as configurações que correspondem às letras das palavras de forma sequencial.

Os seguidores dessa Filosofia veem o surdo de forma diferente do oralismo, não como um portador de uma patologia de ordem médica que deveria ser eliminada e sim como uma pessoa normal, permitido assim a aquisição e o desenvolvimento normais da linguagem, afirmando que tudo e qualquer meio que façam o surdo aprender é de importância, inclusive, os sinais. Essa Filosofia relata que o uso de todos os meios que possam facilitar a comunicação é necessário, desde a fala, passando por todos os sistemas artificiais, até a Língua de Sinais,

2 A datilologia tem a sua origem em Espanha. A sua fonte conhecida mais antiga, a obra do monge franciscano Mechor Sánchez de Yebra (1526-1586), foi publicada em 1593. Este afirma no seu livro que a fonte original desse alfabeto é San Buenaventura (Frei Juan de Fidanza, 1221-1274). Foram descobertos alfabetos manuais em centenas de pinturas renascentistas medievais. Outro monge espanhol, contemporâneo de Sánchez Yebra, Pedro Ponce de León (1508-1584), também tinha feito uso de um alfabeto manual para educar crianças surdas. A difusão alcançada pelo alfabeto manual de Sánchez de Yebra, contudo, não se deve a Ponce de León que não chegou a trazer a público os seus trabalhos, a não ser um, publicado em 1620, mas a outro espanhol, Juan Pablo Bonet, que era secretário da família Fernandez de Velasco, que tinha vários surdos, por causa dos frequentes casamentos entre parentes, realizados para manter o patrimônio vinculado à família. <http://listserv.linguistlist.org/cgi-bin/wa?A2=ind9811&L=slling-l&P=2134>, visitado em 16 de Setembro de 2016.

abrindo canais para comunicações diversas.

A Comunicação Total trabalha simultaneamente com a língua oral e a sinalizada denominando essa forma comunicativa de bimodalismo, um dos recursos utilizados por essa Filosofia no processo de aquisição da linguagem pela criança e na facilitação da comunicação entre surdos e ouvintes, acredita-se que essa forma de ensino permitirá o aluno surdo decodificar as regras da língua falada na escrita, que deverá aprender por intermédio da língua de sinais. Embora a comunicação entre surdos e ouvintes estivesse melhorando foi observado que as habilidades de escrita e leitura ainda continuavam a quem do esperado.

O surdo enfrenta dificuldades em aprender significados quando ouvintes se comunicam com ele por meio do bimodalismo, uso dos sinais e da fala de forma simultânea. A visão do surdo se sobrecarrega ao tentar ler os lábios do interlocutor, a fim de perceber palavras, e por ao mesmo tempo, olhar os formatos das configurações das mãos.

Essa combinação de língua oral com língua de sinais impede o surdo de perceber e distinguir a estrutura sintática da língua oral e da de sinais. Por esse motivo, o aprendizado da leitura e da escrita fica prejudicado, conseqüentemente os surdos não sabem ler, nem mesmo textos breves e simples e ao escreverem na língua oral de seu país transportam para essa língua a estrutura sintática da Língua de Sinais.

É interessante observar que, mesmo utilizado a Língua de Sinais, a Comunicação Total continuou apresentando dificuldades de aprendizagem no requisito leitura e escrita. Pode-se então, concluir que isso acontece em virtude de que, a Língua de Sinais, ao ser usada nas práticas dessa Filosofia, suas características linguísticas não tem sido respeitadas, como uma verdadeira língua, sendo então utilizada apenas como um subsídio para aprendizagem e não como um elemento principal para o acontecimento da aprendizagem.

Procurando descobrir se o ensino oral e sinalizado estava acontecendo, com efeito, na produção da leitura e escrita, os pesquisadores decidiram filmar os professores no ato da ministração da sua aula, percebendo que a educação não acontecia de forma perfeita.

Com essa Filosofia, os surdos despertaram para a valorização da Língua de Sinais, pois o ensino com sinalização não era de forma plena como era para ser, logo emergiu a posição em que a Filosofia da Comunicação Total deveria ser substituída pelo Bilinguismo para Surdos, afirmando que a Língua de Sinais e a língua falada podem viver lado a lado, mas não simultaneamente.

Foi então a partir dessa prática que a língua de sinais passou a ocupar certo destaque como meio de comunicação efetivo nas Comunidades Surdas. Em alguns países como Suécia e Inglaterra, perceberam que essa língua deveria ser utilizada independentemente da língua oral, e não as duas em momentos iguais como eram utilizadas. Surge então, a Filosofia Bilíngue, que, ao contrário do Oralismo e da Comunicação Total, defende o respeito e o valor que deve ser dado à Língua de Sinais. Capovilla, (2001, p.1486), afirma:

Assim, com a Comunicação Total, embora os sinais tivessem sido admitidos à escola para auxiliar a aquisição da língua falada e escrita, e não como uma língua em seu próprio direito, a língua falada sinalizada não parecia mais suficiente para a comunidade que acabava de abrir os olhos à riqueza da Língua de Sinais. Ainda mais agora que dados experimentais haviam se acumulado o suficiente para fornecer um arsenal de razões concretas para questionar metodologicamente a prática exclusiva da língua falada sinalizada em sala de aula e para considerar seriamente a perspectiva do Bilinguismo.

A combinação Língua Oral e Língua de Sinais foi um obstáculo para o surdo discernir as estruturas de uma língua para a outra, tendo como consequência o aprendizado da leitura e da escrita prejudicado tornando o surdo um leitor não competente e um escritor limitado a textos pequenos.

A Comunicação Total tem aspectos positivos e negativos. Ela ampliou a visão do surdo e da surdez, deslocando a necessidade do surdo ser oralizado e ajudou o processo da utilização dos sinais, mas não a viabilizou suficientemente. Essa Filosofia considerou o surdo uma pessoa capaz e a surdez repercutiu nas relações sociais e no desenvolvimento afetivo e cognitivo do surdo.

## **Bilinguismo para surdos e o processo de Ensino da Leitura e da Escrita**

Na Comunicação Total ocorre a utilização simultânea da linguagem oral e gestual, empregando todas as formas possíveis de comunicação, usando a fala, leitura labial, língua oral sinalizada, alfabeto manual, audição residual, e outros, diferenciando-se do Bilinguismo que aborda as duas línguas, de forma que, elas sejam usadas sem que uma interfira ou prejudique no aprendizado da outra. Portanto, as línguas seriam usadas em momentos diferentes.

O Bilinguismo percebe o surdo de forma diferente do Oralismo e da Comunicação Total, pois nessa filosofia o surdo não necessita almejar uma vida igual à do ouvinte, podendo assumir sua surdez formando uma comunidade, com cultura e língua. A origem do Bilinguismo se dá pela insatisfação de surdos com a proibição da língua de sinais e a mobilização de diversas comunidades em prol do uso dessa língua, aliado aos estudos linguísticos comprovando o status dessa língua.

Utilizando a surdez para denominar um grupo linguístico e cultural, e para denominar um grupo por condição física e falta de audição. O Bilinguismo tem como foco principal os Surdos atendendo-os em sua língua, cultura e aceitando sua forma de agir e pensar.

Quando se fala de Bilinguismo no campo da educação de surdos, relata-se à existência de duas línguas nesse ambiente, ou seja, a Língua Oral dos ouvintes, no caso do Brasil, o Português Brasileiro e a Língua de Sinais no caso dos surdos do Brasil a LIBRAS. Pereira, (2000, p. 104) afirma sobre os estudos realizados por Ferreira Brito:

... o português escrito pode ser plenamente adquirido pelo surdo, se a metodologia recorrer a estratégias visuais, essencialmente a LIBRAS, não enfatizando a relação letra-som, e se essas estratégias forem similares àquelas utilizadas no ensino de segunda língua ou língua estrangeira. Acrescenta que a fala tem papel fundamental no processo de aquisição da escrita, mas apenas no que diz respeito à estruturação dos conceitos e das ideias, sendo, pois, perfeitamente possível substituí-la pela LIBRAS, que na realidade, nada mais é do que a fala dessa modalidade gestual-visual da língua.

Essa tendência traz como objetivo uma educação que permite aos indivíduos um acesso completo a uma língua natural, que essa seria a língua de sinais. Após a aquisição dessa seria introduzido a eles a língua escrita de seu país, e esta seria viabilizada por intermédio da língua de sinais. Kozlowski, (2000, p.51), afirma:

Isso exige, então, no processo de educação da criança surda, existam obrigatoriamente, um profissional ouvinte, que seria responsável pela língua da comunidade ouvinte e um profissional surdo, responsável pela transmissão da cultura dos surdos e da língua de sinais.

Esse novo olhar para a educação de surdos que vem superando muitas dificuldades provenientes dos antigos planos educacionais é apoiado por sua comunidade que pressupõe o reconhecimento de expressão da língua de sinais como ponto central para o desenvolvimento educacional. Considerando a língua de sinais como a primeira língua dos surdos e a língua da sociedade em que estão inseridos sua segunda língua, a leitura e a escrita da segunda língua seria uma forma de integração de surdos com ouvintes e essa como já falada será repassada

pela Língua de Sinais. Pereira, (2000, p. 98), afirma:

Adquirida a língua de sinais, terá um papel fundamental na aquisição da segunda língua, o português, que será adquirida através da leitura e da escrita. É ele que vai possibilitar, em um primeiro momento, a constituição de um, conhecimento de mundo, tornando possível aos alunos surdos entenderem o significado do que leem, deixando de ser meros decodificadores da escrita. Por sua vez, a língua escrita, por ser totalmente acessível à visão, é considerada uma fonte necessária a partir da qual o surdo possa construir suas habilidades de língua.

O Bilinguismo relata que se o surdo não adquirir logo nos primeiros anos de vida a língua de sinais eles sofreram consequências como à perda da oportunidade de usar a linguagem. Como o surdo não pode fazer uma leitura do mundo pela fala, então é imprescindível que a outra forma de se comunicar com o mundo seja pela Língua de Sinais. Assim, ele ficará inteirado do mundo. A língua de sinais, para os surdos, assim como a língua oral, para os ouvintes, fornece um aparato linguístico cognitivo.

A aquisição de uma primeira língua deve ser assegurada a uma criança, sendo ela surda ou ouvinte, se ela não puder ter uma participação ativa em sua situação comunicativa não poderá contar com um desenvolvimento normal dessa primeira língua. Essa que deve ser de fácil acesso para essa criança.

O passo mais importante para concretizar o Bilinguismo foi dado na Suécia, que foi o primeiro país a reconhecer, politicamente, o sujeito Surdo como uma minoria linguística com seus direitos políticos assegurando a educação na língua de sinais e na língua falada.

O Bilinguismo foi constatado com sucesso na Dinamarca onde pesquisadores acompanharam durante oito anos, nove crianças surdas, de seis aos quatorze anos de idade, obtendo bons resultados na leitura e escrita. O primeiro ano foi dedicado, exclusivamente, ao desenvolvimento da Língua de Sinais usando inicialmente descrições de desenhos animados. Depois de dois anos constataram que sete das nove já se comunicavam fluentemente em sinais, mostrando um vocabulário elevado correspondente a sua idade.

A partir do segundo ano de pesquisa a língua Dinamarquesa falada e escrita foi introduzida como primeira língua estrangeira, alguns já tinham grandes habilidades devido os programas de leitura precoce. Neste ensino de leitura e escrita foram usados vários recursos entre esses está a sinalização, a língua falada e os textos escritos.

Houve uma expansão excelente, aos doze anos de idade, cinco das nove tinham nível de leitura conforme o das crianças ouvintes, sendo que ao chegarem aos quatorze anos de idade, nove das crianças conseguia ler com certa fluência. Foi através desse programa que o Bilinguismo, hoje em dia, tem grande aceitação na Dinamarca, por todas as escolas e comunidades em geral.

Como esse sendo um exemplo de resultado mais eficaz no ensino de pessoas surdas, é necessário colocar essa proposta educacional para os surdos o mais cedo possível, pois, em contato com a língua de sinais o aluno aparecerá com um desenvolvimento rico e pleno da linguagem, assim logo após a linguagem oficial de seu país será ensinada com base nos conhecimentos adquiridos por intermédio da língua de sinais.

## **O Surdo como sujeito Bilingue**

Devido às dificuldades acarretadas pelas questões de linguagem, observa-se que as crianças surdas encontram-se com dificuldades no que diz respeito à leitura e a escrita, sem o adequado desenvolvimento e com um conhecimento aquém do esperado para sua idade. Isso advém da necessidade de elaboração de propostas educacionais que atendam às necessidades dos sujeitos surdos, favorecendo o desenvolvimento efetivo de suas capacidades.

A Educação Bilíngue para Surdos percebe as línguas de sinais como línguas naturais das Comunidades Surdas, esta Filosofia Educacional traz a proposta de que esses alunos Surdos devem ser ensinados através de sua língua materna e que estas seriam a base para o aprendizado da língua oral de seu país.

É a partir da língua natural do Sujeito Surdo que este deverá entrar em contato com a língua majoritária de seu grupo social, que será, para ele, sua segunda língua. Pereira, (2009, p. 14): *“A tarefa do professor não é corrigir o aluno, visando à adequação morfosintática, mas ser interlocutor ou mediador entre o texto e a aprendizagem que vai se concretizando nas atividades de sala de aula”*.

O Bilinguismo defende que ambas as línguas, (a língua de sinais e a língua oral), sejam consideradas para os surdos diglossicamente, sem que uma prejudique a outra, tendo como objetivo principal do enfoque bilíngue, que o surdo saiba comunicar-se pelas duas línguas. Acredita-se que por intermédio da língua materno surdo (língua de sinais), este pode desenvolver-se linguisticamente e cognitivamente sem enfrentar tantas dificuldades. A filosofia é de postura política, cultural, social, e educacional, não se resumindo apenas à aquisição de duas línguas. Quadros, (1997, p.27), comenta:

Se a língua de sinais é uma língua natural adquirida de forma espontânea pela pessoa surda em contato com as pessoas que usam essa língua e se a língua oral é adquirida de forma sistematizada, então as pessoas surdas têm o direito de ser ensinadas na língua de sinais. A proposta bilíngue busca captar esse direito. O bilinguismo é uma proposta de ensino usada por escolas que se propõe a tornar acessível à criança duas línguas no contexto escolar. Os estudos têm apontado para essa proposta como sendo a mais adequada para o ensino de crianças surdas, tendo em vista que considera a língua de sinais como língua natural e parte desse pressuposto para o ensino da língua escrita.

É necessário que os profissionais percebam a importância da Língua de Sinais para o desenvolvimento do Surdo. Pois, essa é a única língua que pode ser adquirida de forma espontânea através das relações sociais e diálogos do cotidiano. O Bilinguismo é simples e eficaz, pois o surdo adquire a Língua de Sinais na mesma rapidez que ouvinte adquire a língua oral. Goldfeld, (2002, p. 108), afirma sobre essa vertente:

(...) o bilinguismo tem com origem a insatisfação dos surdos com proibição da língua de sinais e a mobilização de diversas comunidades em prol do uso dessa língua, aliado aos estudos linguísticos e comprovando o status das línguas de sinais enquanto verdadeiramente uma língua.

A proposta Bilíngue para Surdos é definida como uma oposição às práticas características da educação e da escolarização dos surdos nas últimas décadas. Todos que compõem o estabelecimento de ensino necessitam preparar-se melhor para atender esses alunos. Esses profissionais devem utilizar de língua de sinais para que o aluno possa melhor aprender, percebendo que essa língua é uma língua visual podendo o aluno desenvolver através do ver, tocar, descobrir o mundo a sua volta, trazendo o meio social em que ele está inserido para as práticas de ensino. Quadros, (1997, p.67), afirma:

... conhecer o desenvolvimento da linguagem e conhecer as condições que se impõem ao processo de aquisição de uma segunda língua devem ser os pontos de partida para qualquer profissional que objetive trabalhar com o ensino da língua portuguesa para surdos.

## Conclusão

Como um estabelecimento de ensino a escola deve estar preparada para atender os alunos surdos, disponibilizando de professores, administradores e profissionais preparados e capacitados para adequar-se a essa realidade mostrando-se coerente ante a família do aluno e o próprio aluno.

A escola tem que estar preparada para o repasse de conteúdos para o aluno surdo incentivando os familiares a participarem, da vida escolar de seus filhos, a se engajar também nesse processo de ensino como aprender LIBRAS, (no caso de pais ouvintes não conhecedores de Língua de Sinais) e conhecer mais da Cultura Surda para haver uma melhor interação na comunicação familiar, como também um melhor incentivo, estímulo e um real apoio por parte da família para com esses alunos.

Goldfeld, (2002, p.160), diz: *“É preciso que a família da criança surda tenha consciência da necessidade de estimular essa criança. As informações que naturalmente a criança ouvinte recebe devem ser dadas também à criança surda”*.

O grupo de educadores de surdos, por sua vez, deve repassar aos familiares a importância da língua de sinais para o aluno surdo, explicando que este poderá aprender a língua oral assim como o aluno ouvinte, pois existe uma comunicação visual (a língua de sinais), que utilizada pelo surdo permite o desenvolvimento da linguagem, podendo descobrir o mundo de diversos sentidos que está ao seu redor.

A língua de sinais atua no processo de emancipação, transformação e construção social da escola, sendo um eixo central da relação pedagógica afirmando as pessoas surdas como indivíduos participantes da comunidade humana, permitindo a eles partilhar, ampliar o conhecimento socialmente construindo e exercer a sua cidadania. A língua de sinais pode colaborar na comunidade escolar e na comunidade social para que elas se modifiquem e se abram para o surdo.

A escola tem um papel importante para um aluno surdo e seus familiares, o de propagar que uma pessoa surda não tem um mundo de tragédias pela frente, pelo fato deste não se comunicar como a pessoa ouvinte, mas sim um mundo de possibilidades, pois estão à frente de uma forma diferente de comunicação que envolve uma cultura e uma língua visual espacial.

Nessa proposta de Ensino a língua oral deve ser baseada em técnicas de aprendizagem de segunda língua enfatizando a leitura e a escrita como modalidades de acesso a língua majoritária (em oposição ao acesso através da metodologia oral da língua). Quadros, (1997, p. 32 - 33), diz: *A língua portuguesa deverá ser ensinada em momentos específicos das aulas e os alunos deverão saber que estão trabalhando com o objetivo de desenvolver tal língua. Em sala de aula o ideal é que sejam trabalhadas a leitura e a escrita da língua portuguesa.*

A proposta bilíngue concebe o seu desenvolvimento baseando-se em técnicas de ensino de segunda língua, ou seja, o ensino da língua oral deverá ser ministrado enfatizando a escrita, considerando que o canal de aprendizagem do aluno surdo é o visual podendo este ter acesso ao processo de aprendizagem, do desenvolvimento linguístico e cognitivo. Essa técnica parte das habilidades interativas e cognitivas já adquiridas pela criança ao longo de suas experiências naturais com a língua de sinais. Essa é considerada como primeira língua. A língua de seu país será considerada como segunda língua.

## Referências Bibliográficas

BRITO, L. F. Língua Brasileira de Sinais. In RINALDI, G. Programa de Capacitação de Recursos Humanos do Ensino Fundamental. Língua Brasileira de Sinais. Educação Especial: Língua Brasileira de Sinais. V III, Fascículo 7, Série: Atualidades Pedagógicas, n 4. Brasília; MEC, SEESP, 1998, 19 – 22.

\_\_\_\_\_. Estrutura Linguística da LIBRAS. In RINALDI, G. Programa de Capacitação de Recursos Humanos do Ensino Fundamental. Língua Brasileira de Sinais. Educação Especial: Língua Brasileira de Sinais. V III, Fascículo 7, Série: Atualidades Pedagógicas, n 4. Brasília; MEC, SEESP, 1998, 23 – 61.

CARNIO, M. S.; COUTO, M.I. V.; LICHTIG, I. Linguagem e Surdez. In: LACERDA, C. B. F.; NAKAMURA, H.; LIMA, M.C. Fonoaudiologia: Surdez e Abordagem Bilíngüe. São Paulo: Plexus, 2000, 44 – 55.

CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W. D. Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilingüe de Língua de Sinais Brasileira. Vol II: Sinais de M a Z. São Paulo, Edusp, Fapesp, Fundação Vitae, Feneis, Brasil Telecom, 2001.

CICCONE, M. M. C. Comunicação Total: introdução, Estratégias, a Pessoa Surda. Rio de Janeiro: Cultura Médica, 1990.

DIAS, A. I. Ensino da Linguagem no Currículo. Fortaleza: Brasil Tropical, 2001.

FERNANDES, S. É Possível Ser Surdo em Português? Língua de Sinais e Escrita: Em Busca de uma Aproximação. In: SKLIAR, C. (Org). Atualidade da Educação Bilíngüe para Surdos. 2v.Porto Alegre: Mediação, 1999, 59-81.

FERREIRO, E. Alfabetização em Processo. Tradução: Sara Cunha Lima, Marisa do Nascimento Paro. 9 ed. São Paulo: Cortez, 1993.

FREIRE, A. M.da F. Aquisição do Português Como Segunda Língua: Uma Proposta de Currículo Para o Instituto Nacional de Educação de Surdos. In: SKLIAR, C. (Org). Atualidade da Educação Bilíngüe para Surdos. 2v.Porto Alegre: Mediação, 1999, 25-34.

GOLDFELD, M. A Criança Surda: linguagem e Cognição Numa Perspectiva Sociointeracionista. 2 ed. São Paulo: Plexus, 2002.

KOSLOWSKI, L. O Modelo Bilíngüe/Bicultural na Educação do Surdo. In: Anais do Seminário: Surdez: Desafios Para o Próximo Milênio. Palestras. Rio de Janeiro: INES, 2000, 47 – 52.

LACERDA, C. B. F.; NAKAMURA, H.; LIMA, M.C. Fonoaudiologia: Surdez e Abordagem Bilíngüe. São Paulo: Plexus, 2000.

\_\_\_\_\_;MANTELATTO, S. A. C. As Diferentes Concepções de Linguagem na Prática Fonoaudiológica. In: LACERDA, C. B. F.; NAKAMURA, H.; LIMA, M.C. Fonoaudiologia: Surdez e Abordagem Bilíngüe. São Paulo: Plexus, 2000, 23 – 43.

PEREIRA, M. C. da C.; OLIVEIRA, C. L. de. A Questão da autoria nas Produções Escritas de Adolescentes Surdos. In: SKLIAR, C. (Org). Atualidade da Educação Bilíngüe para Surdos. 2v.Porto Alegre: Mediação, 1999, 103 – 112.

\_\_\_\_\_. A Língua de Sinais na Educação de Surdos. In: LACERDA, C. B. F.; NAKAMURA, H.; LIMA, M.C. Fonoaudiologia: Surdez e Abordagem Bilíngüe. São Paulo: Plexus, 2000, 15 – 22.

\_\_\_\_\_. Aquisição de Língua Portuguesa por Aprendizes Surdos. In: Anais do Seminário: Surdez: Desafios Para o Próximo Milênio. Mesa redonda. Rio de Janeiro: INES,

2000, 95 – 100.

QUADROS, R. M. Aquisição da Linguagem por Crianças Surdas. In RINALDI, G. Programa de Capacitação de Recursos Humanos do Ensino Fundamental. Língua Brasileira de Sinais. Educação Especial: Língua Brasileira de Sinais. V III, Fascículo 7, Série: Atualidades Pedagógicas, n 4. Brasília; MEC, SEESP, 1998, 63 – 80.

\_\_\_\_\_. Educação de Surdos: A Aquisição da Linguagem. Porto Alegre: artes Médicas, 1997.

ROSSI, T. R. de F. Um Processo em Direção ao Bilinguismo. In: LACERDA, C. B. F.; NAKAMURA, H.; LIMA, M.C. Fonoaudiologia: Surdez e Abordagem Bilíngue. São Paulo: Plexus, 2000, 103 – 105.

SALLES, H. M. M. L. et all. Educação de Língua Portuguesa para Surdos: Caminhos para a Prática Pedagógica. Programa Nacional de Apoio à Educação dos Surdos. 2v. Brasília: MEC, SEESP, 2004.

SILVA, E. T. da. O ato de Ler: Fundamentos Psicológicos para uma Nova Pedagogia da Leitura. 7 ed. São Paulo: Cortez, 1996.